

A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO EDUCADOR - EDUCANDO E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Luana Kunzler¹

Elaine Weber Skrsypcsak²

Submetido em 31/12/2018

Aprovado em 11/02/2019

Revista Saberes e Sabores Educacionais

Revista do Curso de Pedagogia

Uceff – Campus Itapiranga

Vol. 5, 2018

ISSN 2359-263x

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI-Uceff. Email: luanakunzler579@gmail.com.

² Docente do Curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI-Uceff. Email: elainewa2@hotmail.com.

Resumo

O presente artigo tem como principal objetivo analisar a importância das relações afetivas no contexto educacional. Desta forma, aborda sobre compreender a influência da afetividade no processo de ensino aprendizagem, entendendo-se que existem inúmeros fatores que influenciam no processo ensino aprendizagem e um deles é a relação entre educador e educando. Se ambos mantiverem um bom relacionamento, o aprendizado se torna mais eficiente e a partir dessa relação efetiva-se a construção, não somente dos conhecimentos científicos por parte dos educandos, mas também as relações interpessoais entre eles no ambiente escolar. Com o estudo, pôde-se perceber que quando há diálogo, troca de saberes entre educadores e educandos construindo conhecimentos juntos, respeito, relações de amizade e de afetividade a aprendizagem ocorre de maneira prazerosa, os educandos se sentem mais confiantes ao expressar seus sentimentos, angústias e vontades e, desta forma, verdadeiramente aprendem os saberes.

Palavras-Chave: Afetividade. Relação educador/educando. Ensino Aprendizagem.

Abstract

The present article its main objective is to analyze the importance of affective relationships in the educational context. In this way, it approaches about understanding the influence of affectivity in the process of teaching learning, understanding that there are numerous factors that influence in the teaching learning process and one of them is the relation between educator and educated. If both maintain a good relationship, the learning becomes more efficient and from this effective relationship the construction not only of the scientific knowledge on the part of the students, but also the interpersonal relations between them in the school environment. With the study, it was possible to perceive that when there is dialogue, exchange of knowledge between educators and educated building knowledge together, respect, relations of friendship and affection educated occurs in a pleasant way, learners feel more confident in expressing their feelings, anguish, and will, and in this way truly learn the knowledges.

Key Words: Affectivity. Relationship educator / educated. Teaching Learning.

Introdução

Na procura de compreender a importância da afetividade na relação educador e educando no ensino fundamental, entende-se que a mesma é considerada como um dos fatores com que se constrói aprendizagem. Nesta etapa os educandos necessitam também de envolvimento nas relações com o outro, que está cada vez mais raro em meio a este espaço que poderia ser de interação, visando que essa relação facilita o ensino aprendizagem. Neste contexto, o educador pode ser um facilitador, estimulando o processo de construção do conhecimento ou bloqueando o desenvolvimento dos educandos, pois o

sentimento é um dos elementos que constituem o ser humano e que implica diretamente na sua personalidade e aprendizagem.

Com a finalidade de entender esse processo em sala de aula, enfatiza-se como é a relação entre educador e educando e como esta interfere no processo de ensino aprendizagem, tendo em vista que o educando necessita de incentivos e estímulos para motivar-se na realização de determinada tarefa.

Destaca-se ainda a importância das relações afetivas entre educador e educando no processo de ensino aprendizagem, sabendo que os educadores estão na escola para ensinar e que este precisa ser feito com amor e dedicação para com os educandos. Entende-se também que os educadores são exemplos em sala de aula e que podem ser a mudança no mundo, formando uma sociedade mais efetiva.

Desta forma, se espera que, através deste artigo possa-se ampliar a compreensão da importância da afetividade em sala de aula, onde com um bom convívio entre os envolvidos, manifesta-se um ambiente favorável para que aconteça o processo ensino aprendizagem significativo. Pois os seres humanos são seres sociais, e faz parte da natureza humana o relacionamento com os outros. Viemos a este mundo para vivermos juntos e encontrarmos um significado, um propósito para nossa existência e, para isso, há necessidade da interação com o outro. Viver e conviver são ações que seres humanos fazem juntos.

Este trabalho dispõe de estudos teóricos sobre ensino aprendizagem, como a escola atua no desenvolvimento da aprendizagem sendo um espaço de socialização e construção do conhecimento. Também aborda-se sobre a relação educador e educando em sala de aula e como a afetividade influencia no ensino aprendizagem. A metodologia deste trabalho dispõe de uma pesquisa teórica, uma vez que buscou-se referências teóricas sobre o assunto abordado com alguns autores. Para a escolha dos teóricos considerou-se que demonstram a importância da afetividade na constituição da personalidade humana e no âmbito escolar, visto que é de total ênfase para a construção do conhecimento através da relação entre os sujeitos.

Através deste trabalho, entende-se que este pode ser de suma importância para educadores, entendendo-se que a afetividade interfere diretamente no desenvolvimento e

construção da aprendizagem em sala de aula, e que pode conscientizar-nos do quanto é necessário ter manifestações de afeto na educação e formação de uma criança.

Escola: espaço de socialização e construção do conhecimento

Na comunidade escolar atualmente encontramos diferentes situações que nos fazem repensar as metodologias, além de trazer reflexões e questionamentos constantes ao longo de nossa vida docente: Quando um educando não aprende, é culpa dele ou do professor? Em nossa compreensão, não há culpados, mas sim vítimas de uma estrutura social que não proporciona o incentivo ou possibilidades e estratégias para que façam querer aprender e ter o apreço motivador a estar na escola todos os dias. É nossa função enquanto educadores, buscar maneiras de fazer com que isso aconteça. O espaço da escola precisa ser convidativo, fazendo com que os educandos se sintam motivados e queiram de fato aprender, sabendo que aquilo que vivenciam no seu cotidiano escolar é fundamental e que tenha realmente sentido o conhecimento construído no seu convívio social e profissional.

A educação no Brasil, ao longo dos anos, modificou-se muito em relação de como se encontra atualmente. Ela se iniciou juntamente com o Período Jesuítico (1549 – 1759) quando os padres jesuítas vieram para o país a fim de catequizar os índios, respondendo a interesses políticos da metrópole e aos objetivos religiosos. À Metrópole interessava a catequização dos índios, que se tornariam mais submissos e assim aceitariam o trabalho que deles seria exigido. Já a igreja tinha planos ambiciosos de evangelização da América Latina, que era ocupada por países de tradição católica (OLIVEIRA, 2005).

Ainda conforme a autora, com a chegada dos jesuítas ao Brasil, logo se iniciaram as atividades educacionais. Houve criação de escolas a fim de ensinar a ler e escrever, e os padres dedicavam-se a catequizar os indígenas, disponibilizando instruções importantes apenas para os filhos da elite.

Outro fator a ser mencionado, conforme a autora, é que a educação nesse período era caracterizada pelos maus tratos, em particular às meninas, sendo que os jesuítas nada faziam para protegê-las. E as crianças negras não tinham acesso às escolas, pois os sacerdotes e os senhores consideravam desnecessário educá-las.

A educação durante o período jesuítico considerava-se por um ensino bem estruturado, que não era modelo de excelência, mas caracterizava-se por uma orientação rígida e acanhada, voltada para os interesses religiosos e políticos (OLIVEIRA, 2005).

Pode-se notar que o tempo passou, mas alguns vestígios da educação jesuítica ainda encontravam-se nas salas de aula até algum tempo atrás, onde os educadores tinham sobre sua mesa um instrumento de tortura para intimidar os educandos, sendo um instrumento de castigo, conhecido como palmatória. Esse castigo acontecia se caso o educando não aprendesse determinado assunto, como as regras de português ou a tabuada de matemática. Mas felizmente aconteceram algumas reformas na educação brasileira, aderindo a novos conceitos sociais e culturais, favorecendo para uma educação de qualidade.

Já no Período Militar (1964 – 1985), os militares entendiam que a educação não devia ser igual para todos, mas sim, ser dividida e oferecida às classes sociais de forma diferente. Os militares colocaram a escola a serviço do mercado, oferecendo uma educação para a classe trabalhadora e outra para a burguesia.

Para os educadores, os militares criaram, a partir do Ato Institucional N.º 5 e de decretos Lei, uma legislação específica que possibilitou a punição severa aos chamados agitadores, criou a infração disciplinar, instrumento com o qual poderiam demitir, suspender, prender, instaurar inquérito policial. Enfim, o instrumento necessário para fazer com que fossem severamente punidos aqueles que pensavam e ensinavam a pensar (QUEIROZ; MOITA, 2007, p. 14).

Na educação tradicional, educadores e pais priorizavam a transmissão do conhecimento, sem dar importância à relação de afetividade com o educando. As escolas tradicionais se preocupavam transmitir conteúdo, que por si só, pouco contribui para o desenvolvimento da criança, pois não estabelecia elos de ligação emocionais, para assim valorizar e entender o ser humano (GOBETI; TAVARES, 2010).

Precisamos entender que o tempo muda, os educandos mudam e as metodologias em si, precisam mudar também. Não vivemos mais no tempo e no espaço em que se priorizava uma educação voltada ao modelo tradicional, que o educador era o único a ter conhecimentos, desrespeitando o ritmo do educando. O educando de hoje se desenvolve em

uma sociedade totalmente diferente, com valores e contextos diferentes. O educador necessita voltar o seu olhar a esta realidade, para que a partir disso possa possibilitar situações de aprendizagem nas quais o educando seja um sujeito ativo na construção dos seus conhecimentos e, assim, promover o próprio desenvolvimento.

Como escreve Perrenoud (2000) em seu livro “10 Novas Competências Para Ensinar”, é possível que, em grande parte, o problema seja sim a instituição, pois a maneira como organiza suas metodologias, oferecendo aos educandos o mesmo ensino, com exercícios semelhantes e avaliação idêntica para todos, não permite que os mesmos emancipem-se em seus saberes. Salienta ainda a importância de termos uma escola inclusiva que pensa no todo, desta forma, precisamos aceitar a diversidade de culturas e modos de vida, oferecendo um ensino que ele chama de pedagogia diferenciada, que considere e atenda as necessidades de cada educando, com suas dificuldades e necessidades. A instituição atende melhor e com mais atenção aos educandos que mais precisam, pois assim acredita que nenhum educando ficará para trás no processo ensino aprendizagem.

A partir disso, Luckesi (2010) faz uma discussão sobre a prática docente, analisando de forma crítica e construtiva sobre a maneira como é trabalhada a metodologia em sala de aula, acreditando que se o educador realizar suas atividades com competência estará possibilitando aos educandos condições de crescimento para que estes, por sua vez, ingressem e permaneçam na escola. O autor considera a análise crítica aquela em que se compreende, proponha e desenvolva uma prática docente no contexto de suas determinações sociais, e conseqüentemente a análise construtiva, a medida de como se trabalha os princípios metodológicos que valorizem a construção do conhecimento.

A partir da ideia do autor, entende-se que ser educador é uma tarefa que requer amor e habilidade, não sendo apenas aquele que media o conhecimento, pois tudo é com o educando e para o educando. É preciso metodologicamente planejar e agir pensando nesse educando, para que haja sucesso no processo ensino aprendizagem. Cada realidade é diferente e o educador precisa associar seus conteúdos a essa diversidade, para que seja possível a compreensão acerca da mesma e o ensino aconteça mais facilmente. A partir disso, podemos refletir que somente o amor pode transformar a vida, mudar destinos e

construir sonhos. O amor faz nascer a esperança de um mundo melhor e transforma os seres humanos em pessoas melhores, capazes de contribuir para melhorar o mundo. Também não convém apenas pensar na valorização do ser humano, mas também no espaço físico em que os educandos estarão inseridos, pois este precisa ser acolhedor e organizado de acordo com a faixa etária da criança para que possa ser altamente explorado por ela em uma relação de interação e de aprendizagem (GOBETI; TAVARES, 2010).

Precisa ser enfatizada também a relação do educando com o outro, pois um bom relacionamento é fundamental para a construção do conhecimento, visando que nesta relação o educando aprende, se desenvolve e amadurece. O educando precisa ser estimulado para que sua autoestima seja construída e o educador tem papel fundamental nesse processo, pois todo ser humano com a autoestima fortalecida busca e alcança seus objetivos com mais facilidade (GOBETI; TAVARES, 2010).

Já Perrenoud (2000) acredita que além do trabalho do educador em sala de aula, necessita ter um trabalho coletivo entre os educadores da instituição. Entretanto, apesar de que a maioria dos educadores estejam “acostumados” a trabalhar no individualismo, é imprescindível a construção do planejamento coletivo para que nesta interação sejam avaliadas e discutidas as metodologias e aprendizagens, favorecendo assim ambos, educadores e educandos.

Na próxima seção, aborda-se a importância da relação necessária para que as habilidades dos educandos possam evoluir para competências a serem mediadas em diferentes experiências, relação essa que envolve os componentes em uma troca de conhecimento na qual um aprende com o outro, constantemente.

A relação educador e educando

Existem inúmeros fatores que influenciam no processo ensino aprendizagem e um deles é a relação entre educador e educando. Se ambos mantiverem um bom relacionamento, o aprendizado se torna mais eficiente e a partir dessa relação efetiva-se a construção, não somente dos conhecimentos científicos por parte dos educandos, mas também as relações interpessoais entre eles no ambiente escolar.

Educadores não podem somente se preocupar com a mediação do conhecimento, mas também entender que são facilitadores das aprendizagens, estando cientes que a escola e a vida fora da instituição caminham juntas e que para o educando, uma influencia a outra. Segundo Lozada (2015), é nas relações interpessoais que se cria um vínculo entre educador e educando, e são nessas relações em que o educador passa a representar um papel favorável ou desfavorável para que o educando construa conhecimentos ou não. Na maioria das vezes se os educandos não aprendem ou possuem dificuldades com os conteúdos abordados em determinado componente curricular, é porque passam a classificá-lo devido à relação que tem com o educador.

Sendo assim, Tiba (1996) nos revela que para haver aprendizado escolar, educadores e educandos necessitam obedecer a um conjunto de regras, que chama de disciplina escolar. Sendo que, como em qualquer relacionamento humano, na disciplina é preciso levar em consideração as características de cada um dos envolvidos: educador e educando, além das características do ambiente.

Nesse contexto, o autor nos revela ainda que o educador é essencial para a socialização e que este tem algumas funções que precisam ser levadas em consideração: necessita saber o que vai ensinar e como vai ensinar, além de usar diferentes metodologias para que estes conhecimentos sejam mediados da melhor maneira possível, para que o educando entenda o conteúdo (TIBA, 1996). Outra peça chave para o sucesso do aprendizado é o educando, se este se sente motivado para aprender, porém questionamos: para que estudar? Para passar de ano? Para ter sabedoria? Entre outros, o vínculo afetivo ao ensinar e aprender dá espaço ao (des)prazer com a escola.

Em contrapartida, Nolte (2003) revela que os educadores são os maiores motivadores dos educandos e que precisam estar atentos às características e identificar as diferenças de cada um. Verificar também como uma criança lida com o desânimo e os contratempos, de que maneira a outra é capaz de manter o interesse em suas tarefas, qual necessita de mais auxílio, qual trabalha melhor sozinha. São estes aspectos entre outros, que fazem com que o educando tenha uma orientação mais eficaz e concreta rumo à realização de seus objetivos e acima de tudo, sinta-se motivado para a construção de seu conhecimento.

Mas como estabelecer uma boa e harmoniosa relação em sala de aula? Essa é uma pergunta que os educadores fazem seguidamente para si mesmos. A resposta muda de turma para turma, pois nenhuma é igual à outra e, inseridas nessa realidade, os educandos estarão desanimados em relação aos estudos, bem como a falta de limites, entre outros aspectos que constituem o cotidiano escolar. O educador terá que ser flexível para saber lidar com diferentes situações e tornar a escola um ótimo lugar de convívio, para ambas as partes.

Há uma relação entre a alegria necessária a atividade educativa e a esperança. A esperança de que o educador e educando juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria (FREIRE, 1996, p. 72).

Em outras palavras, o autor nos remete a compreensão de que é preciso haver alegria ao ensinar, pois esta faz parte da relação humana e não pode ser deixada de lado, principalmente em sala de aula, pois ao alegrar-se com o ensino o docente estará, a partir de seu fascínio e entusiasmo, despertando o interesse e o entusiasmo do educando para o aprender. Logo, esta é uma ferramenta importantíssima na interação educador e educando, na qual precisamos sempre persistir, independente de ocasiões que possam ocorrer, priorizando oportunizar estímulos constantes, metodologias ativas que encantem o educando para o incrível mundo de descobertas do qual nasce o conhecimento.

Percebe-se que a sociedade em que vivemos está preocupada em educar as crianças para o amanhã, com ótimas notas escolares, alcançando habilidades necessárias, para futuramente garantir uma boa profissão. Porém, estamos esquecendo que essas notas não definem o valor de uma criança, não sendo definido por suas conquistas e fracassos, mas por serem eles mesmos, para enfrentar a vida que apresenta inúmeros desafios a serem superados. O educador, então, pode fazer uma relação entre os dois conhecimentos: o que irá levar o educando teoricamente preparado a um futuro profissional; e o outro é o da realidade vivida, e que será a ele submetido, que irá auxiliá-lo nas suas decisões pessoais e profissionais. Assim o educador estará participando efetivamente da formação do sujeito, para que o mesmo tenha sucesso na vida, entendendo a melhor maneira de lidar com as diferentes situações que ocorrem ao longo dela.

Como educadores, precisamos nos dedicar sempre mais e saber que sem a curiosidade, não aprendemos nem ensinamos. Precisamos nos desafiar e (re)construir conhecimentos, e a partir deles, construir o mundo, e permitir que este nos modifique, nos melhore e nos transforme em seres humanos integrais, equilibrados e felizes, para que assim, possamos ter um convívio melhor em sociedade.

A afetividade como influência para a aprendizagem escolar

A afetividade está ligada diretamente às emoções, as quais se manifestam quando as pessoas passam por determinadas situações e como reagem diante disso. É desde a infância que se estabelece relação de afeto, onde a autoestima é o principal alicerce. Uma criança precisa estar cercada de pessoas que gostem dela e demonstrem isso, precisa estar cercada de amor, proteção e cuidados para que possa crescer e se desenvolver de maneira saudável (REGINATTO, 2013).

Vivemos em uma época em que as mudanças ocorrem com maior velocidade e as informações chegam de maneira mais acelerada para as pessoas. Estamos em um mundo onde as tecnologias estão substituindo o contato e a convivência com o outro. Nesse sentido, torna-se fundamental fazer com que os educandos não percam a aproximação com o outro. Entendemos que as crianças nos primeiros anos do Ensino Fundamental estão perdendo este contato afetivo com os educadores, fato que se encontra mais aguçado na Educação Infantil.

Como em todas as etapas da escolarização, as crianças nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental necessitam do contato com o outro e, principalmente, da aproximação de um adulto. E nessa perspectiva, o educador se torna fundamental para a aprendizagem dos educandos e a afetividade é um dos elementos principais que influencia nesse processo.

De acordo com Rossini (2001), houve enorme engano em determinada época, quando tentaram substituir o educador pela TV em sala de aula, pois nada poderá substituir o educador em sua missão de educar. A educação perde sua essência quando pais e educadores utilizam fitas de vídeo para contar histórias, por exemplo, e esquecem que se cria um importante elo afetivo ao contar a história.

Nosso desafio será acompanhar o desenvolvimento tecnológico sem esquecer que temos em mãos seres humanos em formação. Precisamos de uma educação voltada para o ser humano em suas características de um ser dotado de corpo, espírito, razão e emoção (ROSSINI, 2001, p.13).

Assim, educadores precisam ter em mente que estão na escola para ensinar e que isto precisa ser feito com amor e dedicação para com os educandos. Educadores são exemplos e, confiar/apostar numa sociedade mais afetiva, é a maior missão dos educadores, pois é necessário acreditar que é possível sim melhorar a sociedade.

Leite (2008), salienta que a afetividade se constitui como um fator de grande importância na determinação das relações entre os educandos e os objetos de conhecimento (áreas e conteúdos escolares), e também o interesse dos educandos diante das atividades desenvolvidas.

O autor aborda que a aprendizagem é mais significativa em sala de aula quando o comportamento do educador perante o educando é afetivo. O educando conseqüentemente sente e compreende que alguns aspectos da relação com os educadores interferem diretamente na aprendizagem. Portanto, Leite (2008) sugere que a maneira como é feita a mediação dos educadores constitui-se como um fator fundamental para que os educandos construam o conhecimento.

A partir dessa ideia podemos trazer Tiba (1996), que também enfatiza que as crianças aprendem na sociedade ao conviver com outras pessoas, como outras crianças, educadores e principalmente com a própria família. A maioria dos comportamentos adotados por elas são aprendidos por meio da imitação, da experimentação e da invenção.

Segundo Rossini (2001), o ser humano pensa, sente e depois age. A pessoa pode ter uma inteligência altíssima, mas se o seu sentir estiver bloqueado, a sua ação não será eficaz e produtiva. A proposta pedagógica da afetividade é que a criança tenha oportunidade de desenvolver-se e é preciso dar-lhe condições para que seu emocional floresça e ganhe espaço. A falta de afetividade leva a rejeição pelo conhecimento e faz com que a criança não se sinta motivada para a aprendizagem e, conseqüentemente, gera a ausência de vontade, prazer.

A afetividade é a base da vida. Se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação como ser social estará comprometida e sem força, pois quando nos sentimos bem no meio em que vivemos, daremos o nosso melhor em tarefas propostas. E a criança, como ser social, está sujeita as interferências do meio em que vive, portanto, precisamos sempre estar atentos às características e aos fatos da sociedade, pois quando os educadores recebem os educandos na porta da sala de aula, além da mochila, eles trazem todas as vivências e suas impressões, bem assimiladas ou não pela criança (ROSSINI, 2001).

Para Brust (2009), o educador precisa estar atento a todas as reações dos educandos, pois há alguns fatores que podem dificultar o relacionamento interpessoal, como o medo e a desconfiança e, estes podem ser um aviso de que o amor pode estar escondido em camadas de medo, tristeza, decepção, vergonha e raiva. Os educadores precisam ter esse olhar diferenciado para com os educandos, pois muitos deles veem no educador uma figura que podem confiar e esperam que este se aproxime para ajudá-los quando seu dia não foi bom. As crianças que chegam às escolas trazem consigo todas as características de um dia que vivenciaram, da felicidade do brincar com os amigos ou da mágoa de algo que não foi bom, ou até do ressentimento de ter vivenciado desentendimentos familiares. O papel dos educadores é de auxiliá-los nesses sentimentos que os deixam tristes ou que os levam até a demonstrar atitudes grosseiras e agressivas.

Muitas vezes julgamos os educandos quando brigam com os colegas, mas não entendemos que aquela ação pode ter surgido de alguma mágoa ressentida ou de algo que não deu certo naquele dia. O educador precisa sentir aquele momento para ajudar esse educando com seus problemas, dizendo que ficará tudo bem e que poderá contar com ele quando precisar. O educando precisa sentir-se amado e o educador precisa ter uma aproximação afetiva com este educando, através do diálogo e, até mesmo, citando seu nome de vez em quando, fazendo-lhe perguntas, para que se sinta importante, motivando-o para realizar as atividades escolares (BRUST, 2009).

Para Sarnoski (2014), é importante reconhecer e respeitar as diferenças, mostrar que a criança está sendo vista e dar oportunidades para que elas se expressem, reconhecendo assim que a afetividade é parte integrante na construção do conhecimento, resultando em um novo olhar sobre a prática pedagógica, não restringindo apenas à dimensão cognitiva. A

autora ressalta também a abordagem construtivista, em que a maneira de ensinar passa a ser mais importante do que o conteúdo a ser ensinado, por isso a intensidade das relações interpessoais, os aspectos emocionais e as formas de comunicação são tão importantes para a construção do conhecimento.

O educador necessita estar atento e preparado para as dificuldades que pode enfrentar para assim resolvê-los, pois muitas crianças revelam rejeição à escola, por terem vivenciado uma infância tumultuada e na maioria das vezes carente de afeto, principalmente da figura materna (SARNOSKI, 2014).

O bom educador é o que consegue, enquanto fala trazer o educando até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus educandos cansam, não dormem, cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1996 p. 96).

A partir desta ideia, entendemos que os educadores precisam trazer o educando para a aula, não somente o estar em sala, mas o trazer também mentalmente, ser integral. Também é importante fazer com que ele sinta o apreço por estar ali, que tenha curiosidade para com o assunto e participe ativamente das aulas. Assim, o educador estará cumprindo seu papel como educador, tendo a certeza de que vale a pena estar ali, pois o bom profissional é aquele que busca as melhores maneiras de ensinar, estando ciente que no final de cada aula o educando possa ter assimilado os conteúdos que ali foram mediados.

A afetividade contribui para o processo ensino aprendizagem considerando que o educador não apenas media conhecimentos, mas também destaca a importância de ouvir o educando, estabelecendo que a relação afetiva seja recíproca (SARNOSKI, 2014).

O fortalecimento das relações afetivas entre educador e educando contribui muito para o rendimento escolar, destacando que a afetividade não se dá apenas pelo contato físico, mas também pelo elogio perante às atividades realizadas, reconhecendo seus esforços e motivando-os sempre, sem deixar de ressaltar que o contato corporal também é uma maneira de manifestação de carinho (SARNOSKI, 2014).

A partir dos estudos, destaca-se a importância da afetividade nas relações interpessoais, a necessidade de lidar com amor e carisma diante dos educandos, aspectos que podem influenciar diretamente no ensino aprendizagem. Já dizia Rossini (2001) que por volta dos anos 70, pais e educadores decretaram o fim do autoritarismo e passaram a permitir tudo.

Liberdade, porém, não significa licença, permissão para se fazer tudo o que se quer. E até hoje estamos tentando minimizar prejuízos que essa permissividade causou à sociedade: pessoas incapazes de enfrentar a realidade, esperando que o mundo lhes ofereça tudo quanto desejam. Pessoas com dificuldades de enfrentar as perdas, incapazes de lidar com a frustração (ROSSINI, 2001, p.19).

Quanto mais estabelecermos limites melhor, pois depois na adolescência isto será mais difícil, sendo que ele já terá a base da vida adulta formada, não que seja tarefa impossível.

A criança ou o adolescente sempre necessitam que alguém lhes diga o que fazer e como fazer e sempre há momentos em que pais impõem a responsabilidade para os educadores e vice versa. É muito mais fácil deixar que as crianças fiquem à vontade e façam tudo o que querem, mas nossa responsabilidade é prepará-las para a vida. Os educadores precisam mostrar às crianças que limite não é castigo e que não podem fazer tudo que querem, o que influencia diretamente na personalidade das mesmas, fazendo-as evoluir enquanto seres humanos dotados de relações (ROSSINI, 2001).

Campos (1987) nos ensina que muitos estados afetivos do ser humano, como o amor, o respeito, a admiração, o sentimento de justiça e o sentimento moral, são em grande proporção, resultado da experiência e educação. A escola e a família necessitam exercitar essas respostas afetivas que desempenham maior relevância na vida social da criança. Ele ainda nos envolve na ideia da aprendizagem apreciativa, que modifica e aperfeiçoa a personalidade do educando, possibilitando a formação do caráter, pois o melhor índice de educação não está na sua habilidade de fazer determinada tarefa, mas na qualidade e intensidade de seus ideais, suas atitudes e preferências, em relação à vida e ao meio social em que vive.

A aprendizagem apreciativa pode ser positiva ou negativa, criando uma reação individual favorável, ou provocando reação de agressividade. Toda essa aprendizagem, que constitui recursos que são fundamentais de integração ao meio social e à profissão, não surge do nada, mas precisa ser ensinado na escola (CAMPOS, 1987).

Conclusão

No decorrer da elaboração desta pesquisa, que teve por objetivo principal estudar a importância da afetividade na relação educador e educando, pode-se perceber a importância para o processo ensino aprendizagem, pois entende-se que o ser humano se desenvolve por meio do convívio com o outro. Também acredita-se que o educador é o responsável pelo desenvolvimento do educando, pois a partir das relações do meio em que estão pode-se notar se acontece ou não aprendizagem significativa.

Quando a relação educador e educando é boa, a escola caminha bem e o ensino acontece. Os educandos sabem quando o educador está comprometido e gosta do que faz, assim, os educandos também sentem apreço pelo ensino e todos trabalham para que ele aconteça de maneira eficaz. Educadores precisam trabalhar para uma educação mais humanizada, onde as relações são vistas com mais importância, sendo um dos pilares para uma educação de qualidade. Os educadores trabalham com mais amor pela profissão, com metodologias que façam com que os educandos tenham prazer em ir à escola e estudar. É essa escola que queremos.

Através deste artigo, pode-se levar como aprendizado e conscientizar-nos do quanto é necessário ter manifestações de afeto na educação e formação de uma criança, e que a ausência desse afeto pode refletir negativamente na vida social e escolar do educando e do educador, prejudicando também o processo de aprendizagem em sala de aula.

Os educadores são os maiores motivadores dos educandos e precisam estar atentos às características e identificar as diferenças de cada um. Verificar também como uma criança lida com o desânimo e os contratempos, de que maneira a outra é capaz de manter o interesse em suas tarefas, qual necessita de mais auxílio, qual trabalha melhor sozinha. São estes aspectos entre outros, que fazem com que o educando tenha uma orientação mais

eficaz e concreta rumo à realização de seus objetivos e acima de tudo, sinta-se motivado para a construção de seu conhecimento (NOLTE 2003).

Somente o amor pode transformar a vida, mudar destinos e construir sonhos. O amor faz nascer a esperança de um mundo melhor e transforma os seres humanos em pessoas melhores, capazes de contribuir para melhorar o mundo. Também não convém apenas pensar na valorização do ser humano, mas também no espaço físico em que os educandos estarão inseridos, pois este precisa ser acolhedor e organizado de acordo com a faixa etária da criança para que possa ser altamente explorado por ela em uma relação de interação e de aprendizagem (GOBETI; TAVARES, 2010).

Portanto, é preciso estabelecer boas relações com os educandos, para que estes se sintam motivados e à vontade, facilitando o envolvimento nas atividades e, conseqüentemente, a construção dos conhecimentos perante os conteúdos trabalhados. Educadores precisam saber da importância da sua profissão, amar o que fazem e saber da influência que têm na vida dos educandos (FRESHI, 2013).

Referências

- BRUST, Josiane Regina. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. Centro de educação, comunicação e artes; Londrina, 2009. Disponível em <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/JOSIANE%20REGINA%20BRUST.pdf> Acesso em 06/04/2017.
- CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FRESHI, Elisandra Mottin ; FRESHI, Márcio. **Relações Interpessoais: A construção do espaço artesanal no ambiente escolar**, 2013. Disponível em http://www.ideal.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/20_1.pdf Acesso em 10/04/2017.
- GOBETI, Márcia Cristina. TAVARES, Helenice Maria. **Afetividade na Educação**, 2010. Disponível em <https://livrozilla.com/doc/1044237/afetividade-na->

[educa%C3%A7%C3%A3o1-m%C3%A1rcia-cristina-gobeti--helenice](#) Acesso em 12/04/2017.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

LOZADA, Thiago Rodrigues. **A imprescindível ação das relações interpessoais no âmbito escolar**, 2015. Disponível em: <http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/A-imprescind%C3%ADvel-a%C3%A7%C3%A3o-das-rela%C3%A7%C3%B5es-interpessoais-no-%C3%A2mbito-escolar.aspx>. Acesso em: 19/04/2017.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2010.

NOLTE, Dorothy. **As crianças aprendem o que vivenciam**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

OLIVEIRA, Paulo de. **História da Educação no Brasil: Período Jesuítico**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em

<http://www.avm.edu.br/monopdf/8/PAULO%20DE%20OLIVEIRA.pdf> Acesso em 25/05/2018

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2000.

QUEIROZ Cecília; MOITA, Filomena. **Ditadura Militar, sociedade e educação no Brasil**, 2007. Disponível em

http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/fundamentos_socio_filosoficos_d_a_educacao/Fasciculo_08.pdf Acesso em 16/06/2017

REGINATTO, Raquel. **A importância da afetividade no desenvolvimento da aprendizagem**, 2013. Disponível em

http://www.ideal.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/11_1.pdf acesso em 26/4/2017

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SARNOSKI, Eliamara Aparecida. **Afetividade no processo ensino aprendizagem**. Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU; Fraiburgo-RS, 2003.

Disponível em: <http://www.ideal.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/223_1.pdf
[Acesso em 15/04/2017.](#)

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa.** São Paulo: Editora Gente, 1996.